



Impresso nas ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS

O Servo de Deus **JOSEMARÍA
ESCRIVÁ DE BALAGUER**
Fundador do Opus Dei

VICE-POSTULAÇÃO DO OPUS DEI NO BRASIL, Rua João Cachoeira, 1496,
CEP 04535, São Paulo, SP.

Esta FOLHA INFORMATIVA publica-se com censura eclesiástica da Sagrada Congregação
para as Causas dos Santos.

FOLHA INFORMATIVA Nº 5 SÃO PAULO

O Sacramento do perdão

Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer y Albás nasceu em Barbastro (Espanha) no dia 9 de janeiro de 1902. Fez o secundário em Barbastro e Logroño, e os estudos eclesiais na Universidade Pontifícia de Saragoça, onde se licenciou em Sagrada Teologia. Mais tarde, em Roma, obteria o grau de Doutor.

Fez o curso de Direito civil na Universidade de Saragoça, e depois doutorou-se na Universidade de Madri. Em 1960, recebeu o grau de Doutor honoris causa em Filosofia e Letras, pela Universidade de Saragoça. Foi o primeiro Grão-Chanceler das Universidades de Navarra, na Espanha, e de Piura, no Peru.

Ordenado sacerdote no dia 28 de março de 1925, iniciou a sua atividade pastoral em paróquias rurais e, desde 1927, entre os pobres e enfermos dos subúrbios e dos hospitais de Madri. Alguns anos mais tarde, foi nomeado Reitor do Real Patronato de Santa Isabel, também em Madri, cargo que desempenhou até 1946, ano em que transferiu a sua residência para Roma.

Foi Consultor de diversas Comissões Pontifícias e Congregações da Santa Sé, Prelado Doméstico de Sua Santidade e membro da Pontifícia Academia Romana de Teologia.

A 2 de outubro de 1928, em Madri, tinha fundado o Opus Dei, caminho de santificação no meio do mundo e fermento de intensa vida cristã em todos os ambientes. Em 14 de fevereiro de 1930, Mons. Josemaría Escrivá fundou a Secção feminina do Opus Dei; e em 14 de fevereiro de 1943, dentro do Opus Dei, a Sociedade Sacerdotal da Santa Cruz. O Opus Dei recebeu a aprovação definitiva da Santa Sé em 16 de junho de 1950; e no dia 28 de novembro de 1982 foi erigido como Prelazia pessoal, forma jurídica introduzida no Direito da Igreja pelo Concílio Vaticano II, que era a desejada e prevista por Mons. Escrivá.

Com oração e penitência constantes, e com uma dedicação contínua e incondicional à Vontade de Deus, o Padre — como o chamam suas filhas e seus filhos, e outros muitos milhares de pessoas de todas as condições — impulsionou e guiou a expansão do Opus Dei por todo o mundo, ao longo de quarenta e sete anos. Quando seu Fundador entregou a alma a Deus, o Opus Dei estava já estendido pelos cinco continentes e contava com mais de 60.000 membros de 80 nacionalidades, a serviço da Igreja com o mesmo espírito de plena união e veneração ao Papa e aos Bispos que Mons. Escrivá sempre viveu e inculcou em seus filhos.

A Santa Missa era a raiz e o centro da vida interior do Fundador do Opus Dei. O profundo sentido da sua filiação divina levava-o a procurar em tudo a mais completa identificação com Jesus Cristo, a viver uma terna e forte devoção à Santíssima Virgem e a São José, a cultivar um trato habitual e confiante com os Santos Anjos da Guarda, e a ser semeador de paz e de alegria por todos os caminhos da terra.

Mons. Josemaría Escrivá tinha oferecido repetidas vezes a sua vida pela Igreja e pelo Romano Pontífice. O Senhor acolheu esse oferecimento, e o Padre entregou santamente a sua alma a Deus, em Roma, no dia 26 de junho de 1975, no seu quarto de trabalho, com a mesma simplicidade que caracterizou toda a sua existência.

Seu corpo repousa na Cripta do Oratório de Santa Maria da Paz — Viale Bruno Buozzi 75, Roma —, continuamente acompanhado pela oração e pelo agradecimento de suas filhas e seus filhos, e de inúmeras pessoas que se aproximaram de Deus, atraídas pelo exemplo e pelos ensinamentos do Fundador do Opus Dei. O processo de beatificação e canonização de Mons. Escrivá começou em Roma no dia 12 de maio de 1981.

Mons. Josemaría Escrivá recebeu de Deus a missão de fundar o Opus Dei, que veio recordar a chamada universal à santidade. O Fundador do Opus Dei ensinou que o caminho da santidade consiste precisamente na luta diária que cada um deve manter consigo mesmo, **contra tudo o que em sua vida não for de Deus (1)**, para encher-se da caridade de Cristo. **Nunca me agradaram essas biografias de santos que, com toda a ingenuidade, mas também com falta de doutrina, nos apresentavam as façanhas desses homens como se tivessem sido confirmados na graça desde o seio materno. Não. As verdadeiras biografias dos heróis cristãos são como as nossas vidas: lutavam e ganhavam, lutavam e perdiam. E então, contritos, voltavam à luta (2)**. Deus nos quer santos, mas conhece a nossa fraqueza e nos oferece os meios para vencê-la: **Jesus compreende a nossa debilidade e atrai-nos a Si como que por um plano inclinado, desejando que saibamos insistir no esforço de subir um pouco, dia após dia (3)**.

Esse esforço do cristão exige humildade: o conhecimento da nossa própria insuficiência, unido a uma profunda confiança na graça de Deus. Na sua pregação, o Fundador do Opus Dei insistiu incansavelmente na importância e necessidade do sacramento da Penitência na tarefa da santificação. Com o seu exemplo e a sua palavra, contribuiu eficazmente para que este sacramento, verdadeiro tesouro da misericórdia divina confiado à Igreja, fosse objeto de fé viva e de amor em muitos milhares de pessoas espalhadas pelo mundo inteiro.

É inevitável que, ao caminharmos, levantemos poeira. Somos criaturas e estamos cheios de defeitos. Eu diria até que os teremos sempre; são as sombras que fazem ressaltar mais em nossa alma a graça de Deus e as nossas tentativas de corresponder ao favor divino. E esse claro-escuro nos tornará mais humanos, humildes, compreensivos, generosos (4). A experiência de tantas fraquezas pessoais não nos deve levar ao pessimismo, mas a confiar mais na misericórdia de Deus Pai: **Deus não se cansa com as nossas infidelidades. Nosso Pai do Céu perdoo qualquer ofensa quando o filho volta de novo para Ele, quando se arrepende e pede perdão. Nosso Senhor é de tal modo Pai, que prevê os nossos desejos de sermos perdoados e a eles se antecipa, abrindo-nos os braços com a sua graça (...)**.

De certo modo, a vida humana é um constante retorno à casa do nosso Pai. Retorno mediante a contrição, mediante a conversão do coração, que se traduz no desejo de mudar, na decisão firme de melhorar de vida, e que, portanto, se manifesta em obras de sacrifício e de doação. Retorno à casa do Pai por meio desse sacramento do perdão em que, ao confessarmos os nossos pecados, nos revestimos de Cristo e nos tornamos assim seus irmãos, membros da família de Deus (5).

Não pode haver lugar para o desânimo em quem se sabe filho de Deus: **Para a frente, aconteça o que acontecer! Bem agarrado ao braço do Senhor, considera que Deus não perde batalhas. Se te afastas dEle por qualquer motivo, reage com a humildade de começar e recomeçar; de fazer de filho pródigo todos os dias, até mesmo repetidas vezes nas vinte e quatro horas do dia; de acertar o coração contrito na Confissão, verdadeiro milagre do Amor de Deus. Neste Sacramento maravilhoso, o Senhor limpa a tua alma e te inunda de alegria e de força, para não desfaleceres no combate e para retornares sem cansaço a Deus, mesmo quando tudo te parecer estar às escuras (6).**

O Servo de Deus animava a todos a aproximar-se da Confissão com fé atual, sabendo que, por se tratar de um sacramento, não é um simples expediente humano, um desaguadouro para os nossos problemas psicológicos, mas uma realidade divina, uma confiança filial com Deus Nosso Senhor: **A Confissão sacramental não é um diálogo humano, mas um colóquio divino; é um tribunal de segura e divina justiça, e sobretudo de misericórdia (7). É uma manifestação delicadíssima da bondade divina, da misericórdia de Jesus Cristo, que é pai e irmão, e sabe desculpar, sabe perdoar. É maravilhoso ficar de joelhos, e escutar do Senhor — porque o sacerdote é o próprio Cristo —: eu te absolvo dos teus pecados, eu te perdôo (8).**

O Servo de Deus lembrava que a santidade é pessoal, e é também pessoal o pecado: portanto, o remédio deve ser aplicado pessoalmente(9), nesse encontro de tu a tu com o Senhor, que é preciso preparar com diligência. Mons. Escrivá não deixava de ilustrar cada um dos atos que constituem o sacramento da Penitência: exame de consciência, dor dos nossos pecados, propósito de emenda e de evitar as ocasiões, confissão auricular pessoal, penitência sacramental. E assegurava que quem procura aproximar-se da Confissão com as devidas disposições, chega a um conhecimento cada vez mais profundo e íntimo da ternura com que Deus segue os seus passos na terra: **Quantas graças não temos que dar a Deus Nosso Senhor por este sacramento da sua misericórdia! Eu fico pasmado, comovido. Um Deus que perdoa parece-me tão pai e tão mãe, ao mesmo tempo, que começaria a chorar de agradecimento e de alegria. O que faríamos nós sem o seu perdão? (10).**

Era constante nos seus lábios o convite para que se recorresse com frequência à Confissão. O Servo de Deus praticava-a semanalmente e, por vezes, mais de uma vez por semana, não por escrúpulo, mas por fineza de amor: **Não vos entenece um Deus que nos purifica, que nos limpa, que nos levanta...? Recorrei à Confissão, porque não é só para perdoar os pecados graves, ou os leves, ou as faltas: é também para nos fortalecer, para cumular de graça a alma e dar-nos impulso, de modo que percorramos mais depressa o caminho; para que tenhamos também mais habilidade para combater e vencer; para que nos comportemos de tal maneira que saibamos viver com virtude e detestar o pecado (11). Pelo contrário, se se abandona a Confissão, a alma fica embotada, a consciência se obscurece ao ponto de não distinguir o bem do mal. Debilitam-se a fé e o amor, e a criatura fica desarmada perante os assaltos das paixões.**

Mons. Escrivá fazia especial fincapé na sinceridade: **À hora de confessar, ide ao miolo desde o primeiro momento. Preparai as confissões, para que sejam concisas, concretas, claras e completas (12). Mal se abre o coração e se faz uma boa limpeza, dizendo aquilo que estorva, aquilo que não desejaríamos que se soubesse, contritos e com um bom propósito, que paz e que alegria! (13).**

Convidava a não esquecer a estreita relação que existe entre o sacramento da Penitência e o divino alimento da alma que é a Eucaristia: **Não deixeis de comungar com frequência: mas se há alguma coisa que vos mortifica na alma, confessai-vos antes. Sem terdes clareza de idéias, sem a consciência limpa, não comungueis nunca: seria horrível (14).**

Muitos se lembram das considerações do Servo de Deus sobre os frutos de paz e de otimismo com que Deus premia os que procuram o seu perdão sacramental. Desaparece toda sombra e a alma fica inundada de serenidade: **Depois é preciso esquecer, porque Deus Nosso Senhor também se esquece (15); Deus triunfa nesta minha pobre carne, nesta minha pobre alma, neste meu pobre coração (16). Os que há tempo não passaram pelo confessional sentem-se felizes quando estiverem limpos; compreenderão que a vida tem outro sentido, que estão na terra para algo bem maior (17).**

Com a graça de Deus na sua alma, os cristãos podem converter-se em semeadores de paz e de alegria (18) entre os homens. O apostolado, esse dever que todos temos de levar os outros ao encontro com Cristo, tem assim no sacramento da Penitência a garantia segura da sua eficácia e um objetivo bem claro. Com efeito, uma das maiores obras que um cristão pode fazer em favor de um amigo é ajudá-lo a aproximar-se da Confissão sacramental, em que experimentamos a alegria de ser perdoados por Deus.

(1) *É Cristo que passa*, n. 73.

(2) *Ibid.*, n. 76.

(3) *Ibid.*, n. 75.

(4) *Ibid.*, n. 76.

(5) *ibid.*, n. 64.

(6) *Amigos de Deus*, n. 214.

(7) *É Cristo que passa*, n. 78.

(8) RHF 20760, pág. 672.

(9) *Ibid.*, pág. 674.



O Servo de Deus, aos quinze anos.

(10) *Ibid.*, pág. 669.

(11) *Ibid.*

(12) RHF 20101, pág. 19.

(13) RHF 20760, pág. 667.

(14) RHF 20771, pág. 284.

(15) RHF 20161, pág. 419.

(16) RHF 20760, pág. 418.

(17) RHF 20771, pág. 290.

(18) *É Cristo que passa*, n. 168.

A luz da boa doutrina

Bebamos até a última gota o cálice da dor na pobre vida presente (...) Que importa padecer, se se padece para consolar, para dar gosto a Deus Nosso Senhor, com espírito de reparação, unido a Ele na sua Cruz... numa palavra: se se padece por Amor?... (1). Quando o Fundador do Opus Dei escreveu estas palavras — em dezembro de 1932 ou talvez antes —, vivia já há vários anos uma generosa dedicação aos pobres e aos doentes de Madri. Em números anteriores desta publicação descreveu-se essa faceta do trabalho a que se entregava o Servo de Deus, com ânsias de unir-se à Cruz do Senhor, para aliviar os que se encontravam nas mais miseráveis condições de vida. Com fraternidade cristã, sofria profundamente ao tocar com suas mãos a dor e o desamparo nas suas formas mais agudas, e esforçava-se por levar a essas pessoas, carecidas de tudo, o tesouro dos sacramentos, seu consolo de sacerdote e o calor da caridade convertida em serviço.

Percebia, ao mesmo tempo, que era preciso sarar misérias maiores: a ignorância religiosa, a frieza do coração para com Deus e para com o próximo, o desconhecimento da dignidade e das exigências da vocação cristã. **Bem se poderia dizer que o maior inimigo de Deus — porque se ama a Deus depois de conhecê-lo — é a ignorância: origem de tantos males e obstáculo grande para a salvação das almas** (2). O Servo de Deus via a necessidade de levar a luz da doutrina de Cristo a toda a parte, como **um elementar compromisso de caridade para a consciência de um católico** (3), e dedicou-se a esta tarefa já nos seus primeiros anos de sacerdócio, realizando um trabalho incansável.

A partir de junho de 1927, em que começou a trabalhar como capelão do Patronato dos Enfermos, ia com muita freqüência aos bairros mais pobres de Madri, para

se ocupar também da atenção sacerdotal às crianças das escolas promovidas pelas Damas Apostólicas do Sagrado Coração. Cerca de quatro mil faziam cada ano a Primeira Comunhão; D. Josemaría dirigia-lhes umas palavras e conversava com cada uma. Ajudava-as especialmente a preparar-se para receber muito bem o sacramento da Confissão.

Em 1975, o Fundador do Opus Dei referiu-se com alegria ao seu trabalho daqueles anos: **Eu tenho sobre a minha consciência — e o digo com orgulho — o fato de ter dedicado muitos, muitos milhares de horas a confessar crianças nos bairros pobres de Madri. Teria gostado de ir confessá-las em todos os grandes bairros mais tristes e desamparados do mundo. Vinham com os monquinhos até a boca. Era preciso começar por limpar-lhes o nariz, antes de lhes limpar um pouco aquelas pobres almas** (4).

Em julho de 1931, depois de deixar a capelania do Patronato dos Enfermos, continuou e aprofundou ainda mais essa semente da boa doutrina em todos os ambientes. Assim, por exemplo, já em 1932 ia assiduamente ao Asilo de Porta Coeli, situado na rua García de Paredes, em Madri, onde confessava e falava, em longas horas de catequese, aos rapazes que ali haviam sido recolhidos. Sem se preocupar com sacrifícios e horas de trabalho, acorria a qualquer lugar onde se manifestasse uma necessidade espiritual.

Por volta de março de 1932, foi suprimido o ensino da Religião em todos os centros docentes estatais da Espanha. Naquela situação, houve famílias que procuraram D. Josemaría para que ensinasse o Catecismo a seus filhos.

Uma moça — hoje religiosa Serva de Maria — que trabalhava em casa de uma dessas famílias, assistiu às aulas que o Servo de Deus deu a oito crianças naquela



Asilo de Porta Coeli. Aqui, nos começos dos anos trinta, o Servo de Deus desenvolveu parte do seu imenso trabalho de Catequese.

casa, ao longo de 1932 e 1933: “Creio recordar que D. Josemaría vinha duas vezes por semana, às quartas e aos sábados, entre as cinco e as seis da tarde. As aulas de Catecismo estendiam-se por todo o ano, exceto nos meses de julho e agosto (...) D. Josemaría era muito ameno e alegre, e os garotos, alguns bem pequenos, divertiam-se muito nas aulas, e não queríamos que se fosse embora. O tempo passava voando e nós reclamávamos por deixar-nos tão cedo (...). Sentiam-nos muito contentes a seu lado; fazia-nos compreender as lições do Catecismo mostrando-nos gravuras. Os meninos iam-se aproximando para vê-las de perto, e eram sobre os Mandamentos, os Sacramentos, etc.” (5).

Foi nessa altura que o Fundador do Opus Dei intensificou o seu apostolado entre os intelectuais e deu início a umas reuniões de formação espiritual para universitários. A primeira teve lugar no dia 21 de janeiro de 1933, numa sala do Asilo de Porta Coeli, que Mons. Escrivá pediu emprestada às religiosas que se ocupavam daquela casa.

Assistiram só três estudantes de Medicina. D. Josemaría comentaria em 1975: **Apareceram-me apenas três. Que descalabro, não é verdade? Mas não! Fiquei muito otimista, muito contente, e fui ao oratório**

das freiras; expus Nosso Senhor no Ostensório e dei a bênção àqueles três. Pareceu-me que o Senhor Jesus, Nosso Deus, abençoava trezentos, trezentos mil, trinta milhões, três bilhões... brancos, negros, amarelos, de todas as cores, de todas as combinações que o amor humano pode fazer. E fiquei muito aquém, porque é uma realidade após meio século. Fiquei muito aquém, porque o Senhor foi muito mais generoso (6).

Desde o primeiro dia, o Fundador do Opus Dei quis que essas aulas fossem presididas por uma estampa de Nossa Senhora, que tinha a sua história. Era a capa de um catecismo rasgado, que encontrara no chão, perto do tronco de uma árvore, no bairro de Los Pinos, durante uma de suas andanças pelos subúrbios madrilenhos. Como manifestação de desagravo, mandou fixar a pequena gravura num retalho de brocado.

Os estudantes vinham conversar pessoalmente com D. Josemaría, em casa de sua mãe: a direção espiritual que lhes proporcionava levava-os a entrar com naturalidade pelos caminhos da vida interior. Morava então, desde fins de 1932, num apartamento da rua Martínez Campos. Naquelas conversas, descobria-lhes a grandeza e a profundidade da vocação cristã vivida no meio dos afazeres de cada um. Estimulava-os à entrega generosa aos outros, fazendo-os superar a visão estreita de um cristianismo reduzido a um simples conjunto de práticas justapostas à vida diária.

Com o fito de melhorar a formação desses rapazes e a de seus amigos, levou-os a aprofundar no estudo da doutrina cristã, para que pudessem também ensiná-la aos outros, e organizou com eles catequeses para crianças na periferia da capital. A primeira delas começou duas semanas após a primeira reunião em Porta Coeli. Tinha lugar no bairro de Los Pinos, precisamente onde encontrara aquela folhinha de catecismo. Uns dias antes de iniciá-la, apesar de ter caído uma intensa nevasca, coisa não habitual em Madri, D. Josemaría foi ao Colégio Divino Redentor para combinar o plano de aulas. Uma das oito religiosas que cuidavam então desse centro escolar, refere: “Uma manhã, de que me lembro muito bem

porque caíra uma nevasca muito forte e estava tudo coberto de branco, vimos da sala de recreio da Comunidade, que estava no andar superior, aproximarem-se do colégio dois sacerdotes de batina e capa. Era cedo, pois ainda se via tudo branco e limpo; mais tarde, tudo viraria um lamaçal. Era D. Josemaría — acompanhado por outro sacerdote chamado D. Lino —, que vinha pedir que lhe permitíssemos organizar uma catequese no Colégio”(7).

No primeiro domingo em que foram dar as aulas de Catecismo, choveu muito. Isto, unido à neve dos dias anteriores, tornava quase impossível transitar pelas ruas barrentas do lugar.

D. Josemaría tinha procurado e escolhido o bairro mais carente e difícil dos que conhecia. Assim o pôs de manifesto uma das alunas que freqüentava então aquele centro escolar: “O Colégio do Divino Redentor era uma fundação recente (1927) das Irmãs da Doutrina Cristã (...). Estava situado no bairro de Los Pinos. Tinha-se procurado encontrar o lugar mais abandonado para atender às necessidades de formação de muitas famílias que contavam com muito poucos recursos econômicos. O bairro todo era bastante miserável; estava composto em grande parte por barracos feitos com folhas de latas de conservas. O Colégio estava situado num fundão, de modo que, quando chovia, todas aquelas encostas vertiam a água para lá, criando um pequeno arroio; por isso, as pessoas do bairro conheciam-no pelo nome popular de “Colégio do Arroio”. Com isto quero salientar que era de difícil acesso — os carros não podiam chegar até lá, e a última parada do metrô ficava longe — e de difícil localização no bairro” (8).

Era preciso vencer também outras dificuldades mais sérias que as materiais. “O ambiente dos subúrbios de Los Pinos — testemunha a religiosa já citada — era muito hostil; tanto que (...) atravessar aquele bairro era para um sacerdote um ato heróico, devido às zombarias e ameaças” (9).

D. Josemaría costumava chegar às onze horas em ponto dos domingos, e ficava cerca de duas horas. Durante a Missa, celebra-

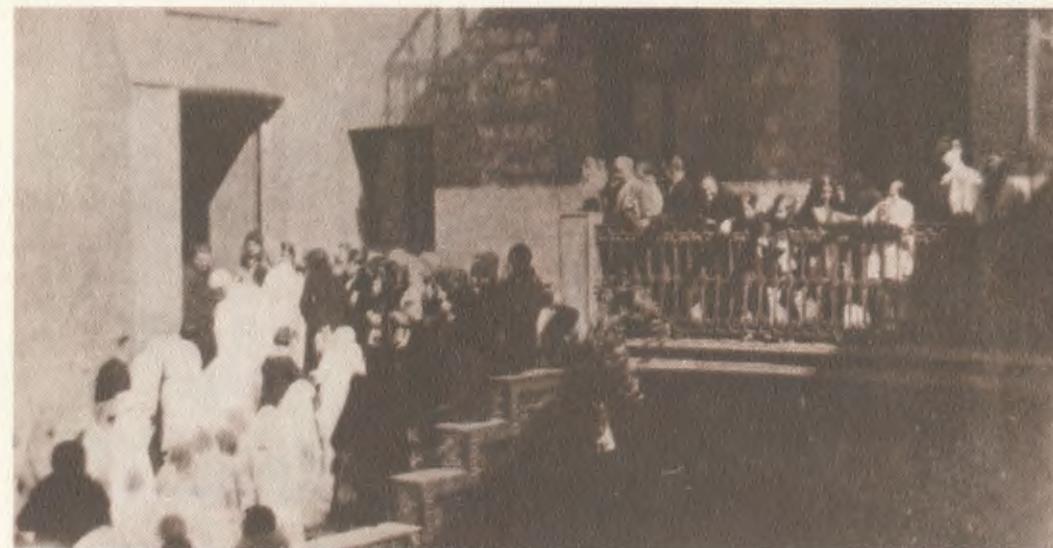
da pelo capelão do Colégio, explicava alguns pontos de doutrina. Terminada a Missa, prosseguia a explicação. O grupo de estudantes que o acompanhava, quase todos de Medicina naquele primeiro ano, davam depois as aulas que tinham preparado durante a semana. Sem dúvida, afora o bem que se fazia aos pequenos, aproximando-os da luz da fé, os primeiros beneficiados eram eles próprios, porque, além de melhorarem seu conhecimento da doutrina, cresciam em generosidade e em desejos de apostolado.

O Servo de Deus estimulava-os a convidar seus amigos à catequese. No ano seguinte, cresceu notavelmente o número dos que colaboravam nessa atividade. Por essa razão, o Padre — era assim que os estudantes tratavam D. Josemaría — procurou novos lugares, de características semelhantes ao primeiro. Em 12 de agosto de 1934, escrevia a D. Francisco Morán, Vigário Geral da diocese de Madri:

Rogo ao sr. Vigário que nos reserve outra Catequese; melhor se estiver num lugar ruim, onde represente um sacrifício ir, porque os rapazes saberão oferecer com gosto ao Senhor esses inconvenientes. Assim como em Los Pinos, teria de ser somente aos domingos: não podemos perder de vista que todos estes rapagões são estudantes dos que estudam (10).

Assim, sob o impulso do Padre, foram-se pondo em andamento outras catequese, ao longo daqueles longínquos anos trinta, em que o Opus Dei dava os seus primeiros passos. Entre outras, a que o Vigário indicou em resposta ao pedido de D. Josemaría, e que começou na “colônia Popular” em março de 1935.

Era o começo de um trabalho fecundo a serviço da Igreja, iniciado pessoalmente pelo Fundador do Opus Dei, e que o Opus Dei desenvolve em todos os lugares do mundo onde trabalha. A vida de Mons. Escrivá foi um grande empenho de formação cristã, uma sementeira incessante de doutrina, a que ele se entregou sem medir esforços. Através da sua pregação, a semente do Amor de Deus lançou raízes nu-



Nesta fotografia da época (1929), vê-se o Servo de Deus —no limiar da porta, à esquerda— num dia de Primeiras Comunhões, no Patronato dos Enfermos.

ma grande multidão de corações: Dar doutrina é a nossa grande missão. Nisto consiste o grande apostolado do Opus Dei; mostrar a essa multidão que nos espera qual é a senda que leva em linha reta ao Senhor (11).

Conseqüência de seu exemplo heróico é a variadíssima gama de atividades de apostolado promovidas por suas filhas e filhos entre pessoas de todos os ambientes da sociedade. Nessas iniciativas apostólicas, destaca-se sempre o aspecto doutrinal, já

que o apostolado cristão — e refiro-me agora, especificamente, ao apostolado de um simples cristão, ao de um homem ou mulher que vive como outro qualquer entre os seus iguais — é uma grande catequese em que, através do relacionamento pessoal, de uma amizade leal e autêntica, se desperta nos outros a fome de Deus e se ajuda a cada um a descobrir novos horizontes — com naturalidade, com simplicidade, como disse, com o exemplo de uma fé bem vivida, com a palavra amável, mas cheia da força da verdade divina (12).

(1) *Caminho*, n.º 812

(2) Carta, 11-III-1940

(3) Carta, 28-III-1973

(4) RHF 20591, pág. 452

(5) Testemunho de Soror Benita Casado Yagüe, *Serva de Maria*.

(6) Salvador Bernal, *Mons. Josemaría Escrivá de Balaguer. Perfil do Fundador do Opus Dei*, Edições Quadrante, São Paulo, 1978, pág. 218.

(7) Testemunho da Irmã São Paulo Lemos, Missionária da Doutrina Cristã.

(8) Testemunho da Irmã Pilar Angela Hernando Carretero, Missionária da Doutrina Cristã.

(9) Testemunho da Irmã São Paulo Lemos.

(10) Carta, 12-VIII-1934

(11) Carta, 24-III-1930

(12) *É Cristo que passa*, n.º 149

Sob o seu impulso espiritual

Com a sua fidelidade heróica à Vontade divina, com oração e mortificação incessantes, e com um trabalho cheio de esperança a serviço da sua missão, Monsenhor Josemaría Escrivá de Balaguer inspirou e dirigiu, durante 47 anos, o desenvolvimento apostólico do Opus Dei em todo o mundo.

A principal tarefa da Obra é a formação dos seus membros para que cada um realize, individualmente, o seu trabalho apostólico de cristão no mundo e na sociedade.

O apostolado essencial do Opus Dei — são palavras do seu Fundador — é o que cada sócio realiza individualmente no lugar em que trabalha, com sua família, entre seus amigos. Uma atividade que não chama a atenção, que não é fácil de traduzir em estatísticas, mas que produz frutos de santidade em milhares de almas, que vão seguindo a Cristo, silenciosa e eficazmente, no meio da atividade profissional de todos os dias (Questões Atuais do Cristianismo, n.º 71).

No entanto, tal como ele mesmo respondia à pergunta de um jornalista: Além disso, o Opus Dei, como corporação, promove, com o concurso de um grande número de pessoas que não estão associadas à Obra — e que muitas vezes não são cristãs —, trabalhos corporativos, com que procura contribuir para a resolução dos problemas que o mundo atual enfrenta: centros educativos, assistenciais, de promoção e capacitação profissional, etc. (Questões Atuais do Cristianismo, n.º 84).

Aqui iremos recordando, de forma necessariamente breve, algumas das muitas obras apostólicas, com as mais diversas características, conforme as necessidades do lugar ou do momento, que nasceram sob o impulso espiritual do Fundador do Opus Dei.

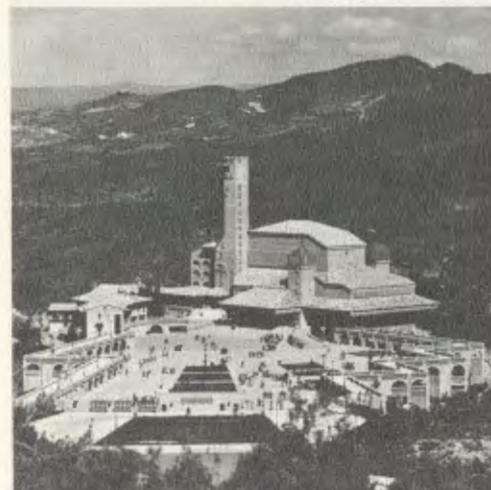
TORRECIUDAD

Um Santuário dedicado a Nossa Senhora

A cidade de Barbastro (Espanha) ficou para trás. A estrada percorre a margem direita do rio Cinca; penetra na região do Somontano e a paisagem vai-se tornando agreste. Para além da represa de El Grado, o Cinca converte-se num lago, fechado por rochedos escarpados que a água não pode cobrir. Na sua margem esquerda, alteada sobre um penhasco, encontra-se a velha ermida e, perto dela, uma torre de sinais semi-derruída. Num plano mais elevado, ergue-se o novo Santuário, com os edifícios onde se realiza o trabalho espiritual com que sonhou o Fundador do Opus Dei. No fundo, sobre um límpido céu azul, recortava-se a mole impressionante do Pirineu aragonês.



Interior do Santuário de Torreciudad.



O silêncio convida à contemplação. Aqui aconteceu algo que faz parte da história do Opus Dei. Foi em 1904, quando o Servo de Deus tinha dois anos. Contraindo uma grave doença e foi desenganado pelos médicos. Sua mãe rezou intensamente a Nossa Senhora e, alguns dias depois, levava a criança, surpreendentemente curada, em peregrinação de ação de graças à ermida de Nossa Senhora de Torreciudad: **Levaram-me lá meus pais, recordaria muitas vezes o Servo de Deus. Minha mãe levou-me em seus braços à Virgem. Ia sentada na montaria, não à inglesa, mas na sela, como se fazia então, e passou medo porque era um caminho muito ruim(1).**

Torreciudad foi, desde tempos imemoriais, ponto de encontro de piedade mariana para as pessoas da região do Somontano aragonês. Conta a tradição, registrada pelos historiadores, que essa devoção popular se iniciou já no século XI. Milhares de pessoas se prostraram aos pés de Nossa Senhora de Torreciudad ao longo de nove séculos.

A esta longa história, quis unir-se Mons. Josemaría Escrivá e, *sob o seu impulso espiritual*, foram-se dando os passos necessários para erguer um Santuário em que, de acordo com a aprovação da autoridade eclesiástica competente, fosse colocada a imagem restaurada, para que viesse a tornar-se lugar de conversão sob o amparo da Santíssima Virgem.

— **Dá-me muita alegria a devoção que se tem à Virgem em Fátima e em Lourdes; enche-me de felicidade que nossa Mãe do Céu seja honrada com tanto amor. Nós também contribuiremos para que esse amor aumente (2).**

O que pretendia obter o Servo de Deus através deste Santuário, levantado em honra de Nossa Senhora?

Deixou-o escrito em uma carta: **O que eu espero é uma profusão de graças espirituais, que o Senhor quererá conceder aos que recorrerem à sua Mãe Bendita diante dessa pequena imagem, tão venerada desde há séculos. Por isso, interessa-me que haja muitos confessionários, para que as pessoas se purifiquem no santo sacramento da penitência e — com a alma renovada — confirmem ou renovem a sua vida cristã, aprendam a santificar e a amar o trabalho, levando para seus lares a paz e a alegria de Jesus Cristo: a paz vos dou, a paz vos deixo. Assim receberão com agradecimento os filhos que o Céu lhes mandar, usando nobremente do amor matrimonial, que os faz participar do poder criador de Deus: e Deus não fracassará nesses lares, quando Ele os honrar escolhendo almas que se dediquem, com uma dedicação pessoal e livre, ao serviço dos interesses divinos (3).**

Por duas vezes o Servo de Deus teve oportunidade de ir como peregrino a Torreciudad, depois daquela viagem de 1904, nos braços de sua mãe.

A primeira foi numa terça-feira, dia 7 de abril de 1970. As obras do novo Santuário estavam recém-iniciadas. Naquela dia, referindo-se ao tempo decorrido desde que sua mãe o levava a Torreciudad, dizia a Nossa Senhora: **Perdoa-me, minha Mãe! Desde os dois anos até os sessenta e oito. Que pouco valho! Mas eu te amo muito, com toda a minha alma. Dá-me muita alegria vir aqui beijar-te, e dá-me muita alegria pensar nos milhares de almas que te veneraram e vieram aqui dizer-te que te amam, e nos milhares de almas que virão (4).**

Por volta das onze horas, deteve-se num lugar onde hoje se levanta um cru-



O Servo de Deus reza o Rosário, com um grupo de filhos seus, a caminho da ermida de Torreciudad, no dia 24 de maio de 1975.

zeiro, precisamente a um quilômetro da ermida. Descalçou-se e percorreu a pé este último trecho. A estrada ainda não estava asfaltada e os pedregulhos feriam-lhe os pés. A caminhada era lenta, no meio de um tempo desagradável.

Mons. Escrivá caminhava com a mente recolhida, rezando os quinze mistérios do Santo Rosário. De vez em quando, parava. Ao terminar a oração, ouviram-no dizer: **Amo Deus Pai, amo Deus Filho, amo Deus Espírito Santo. Amo a Trindade Santíssima. Creio em Deus Pai, creio em Deus Filho, creio em Deus Espírito Santo. Creio na Trindade Santíssima. Espero em Deus Pai, espero em Deus Filho, espero em Deus Espírito Santo. Espero na Trindade Santíssima. Amo a minha Mãe, a Virgem. Creio em minha Mãe, a Virgem. Espero em minha Mãe, a Virgem** (5).

A caminhada tinha durado quase uma hora: **Depois de sessenta e seis anos, é bem pouco o que estou fazendo pela Virgem Santíssima (...). Não faço nada de extraordinário** (6). Já na ermida, entoou a *Salve-Rainha* e, de joelhos, rezou a oração *Bendita seja a tua pureza*.

A segunda visita seria em 23 de maio de 1975. O Santuário já estava quase concluído e em breve seria aberto ao culto. Mons. Escrivá dirigiu-se primeiro à antiga ermida e depois, ao contemplar os novos edifícios, comentou: **Com material humilde, da terra, vocês fizeram material divino** (7). E acrescentaria mais tarde: **Vocês puseram aqui tanto amor...** (8).

Um mês depois, no dia 26 de junho, o Servo de Deus entregava a sua alma ao Senhor. Passados poucos dias — em 7 de julho — o Santuário de Torreciudad era aberto ao culto com uma Missa solene celebrada em sufrágio por sua alma. Participou dela uma grande multidão. Todos sabiam que começava uma nova etapa na vida desse lugar mariano.

Passaram-se já alguns anos. O Santuário — sobretudo a Cripta dos confessoriais — sabe já muito de conversões e da renovação de muitas vidas, de inúmeros *milagres* espirituais que o Servo de Deus tinha pedido a Nossa Senhora de Torreciudad: **Serão muitos, frequentíssimos, e passarão despercebidos, sem que se possam fazer estatísticas**(9).

(5) *Ibid.*, pág. 504

(6) *Ibid.*, pág. 505.

(7) RHF 20164, pág. 819.

(8) *Ibid.*, págs. 820-822.

(9) *Ibid.*, pág. 1307.

(1) RHF 20582, pág. 120.

(2) *Ibid.*, pág. 129

(3) *Ibid.*

(4) RHF 20159, págs. 501-502.

Escrevem-nos

ESTAVA DESENGANADA

Minha tia E. M. se encontrava internada no hospital, com problemas em sua perna, e foi desenganada pelos médicos. Ela mesma, como também nós da família, não sabia que a sua perna, por motivo do ferimento, seria amputada.

Então pedi a Deus, por intercessão do seu Servo Josemaría Escrivá, a sua ajuda para ela. E aconteceu, como vem acontecendo cada dia: alcancei a graça. Liguei para o hospital, falei com minha tia, e ela me informou que não seria necessária tal coisa, pois a sua perna já estava recuperada.

Venho agradecer em público a Deus e ao Padre, e peço a sua proteção para outros que necessitem da sua ajuda. Obrigado a Deus e a Mons. Josemaría Escrivá.

J.M., Recife, PE (Brasil)

NÃO HOUVE EXPLICAÇÃO

Desde há onze anos, tinha uma doença num olho: uma espessa membrana, formada diante da retina na parte interna do olho e presa à parte inferior, puxando-a para baixo. Fui operado em Bogotá de um coágulo que obstruía a artéria da retina e que era a causa da minha doença; nada pôde ser feito quanto à membrana aderida à retina. Era impossível extraí-la devido à sua posição, pois havia o risco de romper a retina.

O médico me disse que a pressão dessa membrana sobre a retina era tal, que qualquer esforço que fizesse poderia causar descolamento da retina e perda total da visão. Acrescentou que, em todo caso, era de esperar que com o progresso da cirurgia se pudesse um dia operar a membrana sem pôr em perigo a retina.

A partir de 1971 o oftalmologista suspendeu toda a medicação. Durante dez anos foi-me examinando periodicamente, e sempre me aconselhava a não fazer esforços violentos, na esperança de algum dia poder operar-me. Há pouco mais de um ano, disse-me que já se estava fazendo esse tipo de operações, mas que convinha esperar um pouco mais até que a técnica melhorasse.

Em 5 de outubro, um amigo sugeriu-me que pedisse a Mons. Escrivá a cura de meu olho. Foi o que fiz no dia seguinte. Eram mais ou menos oito horas da manhã quando rezei a oração da estampa, e depois toquei com ela o olho doente. Estando em meu escritório, às seis da tarde, percebi que a membrana acabava de se romper, e que via quase perfeitamente bem. Tive a certeza de que era um milagre realizado por intercessão de Mons. Josemaría Escrivá.

O médico não sabia explicar como se tinha rompido a membrana; mas observou que não podiam chegar a desaparecer as pregas que se haviam formado na retina. Sem nada receitar, pediu-me que o procurasse passado um mês. Nessa ocasião verificou que a retina tinha voltado à sua condição normal, com o que já não havia perigo de possível descolamento, e que tinham desaparecido as pregas.

S.C., Guayaquil (Equador)

ANTES DE TERMINAR A NOVENA

Alegra-me muito informar-lhes que minhas orações a Mons. Josemaría Escrivá não foram em vão. Soube dele pela primeira vez através de uma antiga aluna de Kianda College, mas então não me despertou muito interesse.

No mês passado, meu tio foi seqüestrado. Disseram-nos que iam matá-lo se não pagássemos uma certa quantia em dinheiro. Estávamos profundamente preocupados, quando me lembrei de ter lido diversos favores recebidos por intercessão de Mons. Josemaría. Começamos uma novena. Antes de terminá-la, meu tio foi libertado.

Foi um milagre. Nunca nos tinha acontecido nada de parecido e nos surpreendeu. Depois disto, minha família e eu decidimos rezar a Mons. Josemaría durante toda a nossa vida, por esta grande coisa que nos fez.

Damos mil graças ao bom e santo Mons. Josemaría por nos ter ajudado tão maravilhosamente. Sabemos que qualquer coisa que confiemos à sua intercessão, com esperança, a conseguiremos.

A. N., Kampala (Uganda)

CONSEGUIU COLOCAÇÃO

Venho comunicar que recebi uma grande graça por intercessão de Mons. Josemaría Escrivá, após ter rezado durante nove dias a oração para a devoção privada.

Meu filho estava sem colocação, muito desorientado. Seu desejo era sair pelo mundo atrás de aventuras; pensava ir para Serra Pelada à procura de ouro, com desejos de enriquecer. Nessa ocasião chegou às minhas mãos pela primeira vez a *Folha informativa* sobre Mons. Josemaría Escrivá. Fiz com tanta fé aquela novena que, dentro da segunda semana após tê-la iniciado, meu filho já estava colocado. Agora está satisfeito, e com perspectivas de muita melhora em seu trabalho. Continuo rezando para agradecer, e suplicando sempre a intercessão de Mons. Escrivá para que aquele ambiente de trabalho se torne um verdadeiro Opus Dei, que ali haja oportunidade de um crescimento espiritual, de renovação para todos.

M. A. P. A., Campo Grande, MS (Brasil)

GRAÇAS À ESTAMPA

Meu esposo sofre há algum tempo de uma afeção de coluna. Nesta última temporada, senti em diversas ocasiões umas palpitações acompanhadas de asfixia, que o deixavam sem respiração e com a cara de cor roxo-escuro. As duas últimas aconteceram num intervalo de quinze dias. O médico desaconselhou qualquer remédio, e não estava tomando nenhum.

Uma noite, por volta das 12.30, teve a asfixia (foi a última vez que aconteceu). No meu desespero por fazê-lo respirar, corri em busca de ajuda, a casa de minha cunhada —fica bem perto da minha—, arrastando-a comigo. Ela, ao ver a situação em que se encontrava o meu marido, disse: não há tempo para médicos; a única coisa a fazer é recorrer ao Padre Josemaría. Puxou uma estampa com a oração para a devoção privada e aplicou-lha sobre o peito, ao mesmo tempo que, com muita fé, ambas rezávamos a oração; ao acabarmos de rezar, meu marido expeliu o ar que estava retido e cessou a asfixia. Desde esse momento não voltou a repetir-se.

Continuamos rezando com muita fé a Monsenhor, confiando-lhe ao mesmo tempo os problemas que se vão apresentando.

Quero manifestar meu agradecimento ao padre Josemaría por este favor.

C. de M., La Ceja (Colômbia)

SOMENTE COM A ORAÇÃO

Eu sou mais uma dos milhares de pessoas que escrevem à Vice-Postulação relatando os benefícios concedidos por Deus, pela poderosa intercessão do seu Servo Mons. Josemaría Escrivá.

Há alguns meses, eu sofria de uma doença cutânea, na pele do meu rosto. Esta moléstia muito me afligia, e sentia também muitas dores no rosto.

Então, vendo o entusiasmo e a fé de minha mãe por Mons. Escrivá, resolvi seguir seu exemplo e rezei incansavelmente, todos os dias, pedindo a Deus que me concedesse a cura deste problema. Depois de algum tempo fiquei curada, sem ter tomado nenhum medicamento. Fiquei curada só e exclusivamente com minha oração ao Servo de Deus. Além de rezar, eu comecei a ler o livro *Caminho* de Mons. Escrivá, do qual fiz o meu livro de bolso, pois estou sempre com ele. E agora vou à Igreja com muito mais amor e fé, e sinto-me feliz por isso, graças ao exemplo e aos ensinamentos do Fundador do Opus Dei.

V. A. S. M., Diadema, SP (Brasil)

O PROBLEMA DA CASA

Procurávamos uma casa para alugar nos arredores de Londres, perto de Wimbledon, onde minha esposa tinha conseguido um emprego como professora num colégio. Depois de várias tentativas frustradas, confiamos o assunto com urgência à intercessão de Mons. Escrivá. Nesse mesmo dia telefonei a várias agências para pedir informações.

No dia seguinte recebemos pelo correio informação sobre três possíveis casas. Ao visitarmos a que parecia mais apropriada, conhecemos a proprietária, uma viúva que vivia só. Estava tentando vendê-la fazia tempo, para regressar ao seu país de origem. À medida que nos ia mostrando os cômodos da casa, agradava-nos cada vez mais; agradou-nos particularmente a presença de um crucifixo e de várias imagens da Santíssima Virgem. Talvez por isso não nos estranhou tanto descobrir, sobre o criado-mudo, uma estampa para a devoção privada a Mons. Escrivá, já bastante gasta. Minha mulher exclamou:

— Nós rezamos a esse sacerdote para que nos encontrasse uma casa!

— E eu para me desfazer desta, respondeu a senhora prontamente.

Nem é preciso dizer que chegamos imediatamente a um acordo.

A. S., Londres (Inglaterra)

CONTRA TODOS OS PROGNÓSTICOS

No ano letivo de 1975-76, estava eu estudando num lugar próximo da cidade de Córdoba. Em dezembro comecei a sentir uma pequena dor no joelho esquerdo, em

conseqüência, pelo que me parecia, de uma pancada recebida num jogo de futebol. No dia 12 de dezembro, jogando futebol, percebi que mal podia correr. Deixei o campo e, a partir desse momento, comecei a coxear até chegar ao ponto de não poder mais movimentar a perna.

Durante as férias do Natal, que passei em casa, a dor foi aumentando. Voltei a Córdoba para recomeçar as aulas. Poucos dias depois, procurei o meu médico de cabeceira que, ao ver o joelho, me enviou a um traumatologista. Este pediu-me umas radiografias e umas análises de sangue. Quando examinou esses dados, disse-me que deveria ir para casa. No dia 8 de fevereiro, em Alicante, diagnosticaram-me um sarcoma do fêmur esquerdo. Sem eu saber de nada, mas com o conhecimento de meus pais e irmãos, levaram-me a Valença, embora não me tivessem dado esperanças de sobreviver.

Nesta cidade fizeram-me uma biópsia, que serviu para confirmar o diagnóstico anterior: hemangiopericitoma maligno. No entender dos médicos, o tempo que me restava de vida era muito pouco: se me cortassem a perna, seis meses no máximo.

Eu ainda não sabia exatamente do que se tratava, quando o traumatologista me comunicou que a única solução era cortar a perna o mais rápido possível. Senti um impacto de desânimo e desespero, mas cerca de quinze minutos depois autorizei a operação.

Depois de operado, pensei que o pior tinha passado, mas ainda restava o tratamento: 54 sessões de quimioterapia que me deixavam cheio de angústia e mal-estar durante os dias seguintes a cada uma.

Pouco depois de começar o tratamento fiquei perfeitamente ciente do que tinha. Inclusive li bastante sobre o meu caso. Preparei-me para morrer; estava bastante tranquilo. Durante esse tempo, sei que muita gente rezava por mim. Eu também rezava bastante para viver e me dirigia em muitos momentos a Mons. Josemaría Escrivá.

Pouco a pouco o tempo foi passando e, decorrido um ano, voltei a entusiasmar-me com a vida. Atualmente recebi alta definitivamente.

Agradeço continuamente ao Senhor que me tenha concedido esta graça por intercessão de Mons. Escrivá, a quem continuo a confiar-me.

J. R., Alicante (Espanha)

Fazia mais de 20 anos que eu não me confessava. Pedi a Mons. Josemaría Escrivá a sua intercessão, com todo o meu coração. Nesta quarta-feira santa fui à Missa. Depois, fui fazer uma visita ao Santíssimo Sacramento, e lá chegando havia um padre confessando os fiéis. Uma força interior fez com que eu me levantasse e me dirigisse ao confessor, e então aconteceu o milagre: alcancei a graça de fazer uma boa confissão.

X. X., Rio de Janeiro (Brasil)

Estou escrevendo para comunicar uma grande graça alcançada por intermédio de nosso querido Mons. Josemaría.

Meus pais são pobres e minha irmã mais nova não conseguia emprego de jeito nenhum. De repente, como que inspirado por Deus, alguém deve ter indicado meu nome e eu recebi a *Folha Informativa* de Mons. Escrivá. Fiquei muito contente, pois já possuía o seu livro *Caminho*, com o qual faço minhas meditações.

Em seguida comecei a fazer novenas de orações a Mons. Escrivá para que minha irmã conseguisse um trabalho. Graças a Deus, por intermédio deste santo sacerdote, ela conseguiu um emprego fixo e com salário excelente. Agradeço esta graça e peço-lhe que a contem no número das infinitas que ele vem alcançando de Deus no mundo inteiro.

C.F., Caçador, SC (Brasil)

Em janeiro minha sogra ficou gravemente enferma. Era um câncer incurável. A partir de fevereiro sua morte podia ocorrer a qualquer momento. Ela sabia também do que se tratava. Apesar de tudo, não estava disposta a confessar-se nem a receber o Viático. Recorri a Mons. Escrivá com a ajuda da oração para a devoção privada. Em abril, por motivos de organização, foi removida para outro hospital. Eu rezava sem parar a Mons. Escrivá. No fim desse mês, decidiu, de modo repentino, receber os últimos sacramentos. Faleceu poucos dias depois na paz do Senhor. Estou certo de que Mons. Escrivá a ajudou muito.

J. B., Viena (Áustria)

NOTÍCIAS SOBRE A CAUSA DE BEATIFICAÇÃO DE MONSENHOR JOSEMARÍA ESCRIVÁ

No dia 12 de maio de 1981 começou no Vicariato de Roma o Processo Cognicional sobre a vida e virtudes do Servo de Deus, e no dia 18 do mesmo mês teve também a sua primeira sessão o tribunal constituído na Arquidiocese de Madri para receber as declarações das testemunhas de língua espanhola.

A Postulação da Causa de Beatificação e Canonização de Mons. Josemaría Escrivá apresentou uma ampla lista de testemunhas que se relacionaram pessoalmente com o Fundador do Opus Dei e cujas recordações abrangem toda a vida do Servo de Deus, desde a infância até a sua morte santa. Até meados de 1982, já tinham prestado declaração nestes processos cerca de metade das testemunhas apresentadas pela Postulação.

Também teve lugar em Madri, de 21 de janeiro a 3 de abril de 1982, o Processo Cognicional sobre a cura extraordinária, atribuída à intercessão do Servo de Deus, de uma religiosa que ficou curada instantaneamente de uma moléstia tumoral. O tribunal reuniu os depoimentos e documentos médicos oportunos, enviando-os para estudo à Sagrada Congregação para as Causas dos Santos.

Obras publicadas de Mons. Escrivá de Balaguer

Caminho

“Monsenhor Escrivá de Balaguer escreveu algo mais do que uma obra prima: escreveu inspirando-se no seu próprio coração, e é também diretamente ao coração que chegam os breves parágrafos que formam CAMINHO... em que não aparece a rigidez desconfiada de um “código”, mas, pelo contrário, a fraterna e ardente indulgência do Autor, a paterna solicitude com que vê, compreende, corrige, persuadindo e não ameaçando” (De “L’Osservatore Romano”, 24-III-1950).

A primeira edição deste livro saiu em fevereiro de 1934 (Cuenca, Imprenta Moderna), sob o título de **Considerações Espirituais**. Desde então, as edições foram-se multiplicando rapidamente, alcançando um total de 180 edições, em 35 línguas e 3.058.306 exemplares.

Santo Rosário

Livro de meditação sobre cada um dos 15 mistérios da vida de Cristo e da Virgem Maria que se contemplam ao rezar o Santo Rosário.

A primeira edição foi publicada também em 1934. Desde então, apareceram 60 edições em doze línguas, e 374.500 exemplares.

Questões atuais do Cristianismo

Várias revistas e jornais dirigiram perguntas concretas a Mons. Escrivá, tocando os temas de maior importância para os seus leitores. Mons. Josemaría Escrivá respondeu por escrito e exaustivamente às perguntas que lhe fizeram. Neste livro reúne-se o texto completo dessas entrevistas.

A primeira edição foi publicada em 1968. Desde essa data, foram publicadas 31 edições em sete línguas, e 252.730 exemplares.

É Cristo que passa

O livro reúne algumas das muitas homilias pronunciadas por Mons. Escrivá ao longo de sua vida. Constituem uma profunda e sugestiva exposição da doutrina e da vida cristãs. Na forma fundem-se a profundidade teológica e a clareza de exposição.

A primeira edição deste livro é de março de 1973. Desde então apareceram 39 edições em oito línguas, e 291.148 exemplares.

Amigos de Deus

Coletânea de outras 18 homilias, nas quais o autor toma as virtudes cristãs como fio condutor do seu colóquio amistoso com Deus. O livro, vazado no mesmo estilo íntimo e direto do outro tomo de homilias, foi publicado em 1977 e alcançou já 21 edições em seis línguas, e 201.906 exemplares.

O volume tem um prólogo do Revmo. Dr. Alvaro del Portillo, atual Prelado do Opus Dei.

La Abadesa de las Huelgas

Estudo teológico-jurídico. Uma investigação penetrante — realizada a partir das fontes e documentos originais — sobre um caso extraordinário de jurisdição quase-episcopal por parte da abadesa do famoso mosteiro de Burgos.

A primeira edição foi publicada em 1944. A segunda data de 1974.

Via Sacra

Nova obra póstuma de Mons. Josemaría Escrivá, fruto da sua contemplação das cenas da Paixão do Senhor. Foi preparada para ajudar a fazer oração e para crescer no espírito de dor pelos nossos pecados e de agradecimento a Jesus Cristo, que nos resgatou ao preço do seu Sangue.

A primeira edição foi publicada em fevereiro de 1981. Já apareceram 12 edições em cinco línguas, e 129.014 exemplares.

ORAÇÃO

para a devoção privada

Ó Deus, que concedestes inumeráveis graças ao vosso servo Josemaría, sacerdote, escolhendo-o como instrumento fidelíssimo para fundar o Opus Dei, caminho de santificação no trabalho profissional e no cumprimento dos deveres cotidianos do cristão, fazei que eu saiba também converter todos os momentos e circunstâncias da minha vida em ocasião de Vos amar, e de servir com alegria e com simplicidade a Igreja, o Romano Pontífice e as almas, iluminando os caminhos da terra com o resplendor da fé e do amor. Dignai-Vos glorificar o vosso servo Josemaría, e concedei-me por sua intercessão o favor que Vos peço... (peça-se). Assim seja.

Pai Nosso, Ave-Maria, Glória.

Em conformidade com os decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que com esta **Folha informativa** em nada se pretende prevenir o juízo da Autoridade eclesiástica, e que esta oração não tem finalidade alguma de culto público.

Agradecemos as numerosíssimas cartas que nos chegam. São um testemunho da devoção privada com que tantas pessoas, em todo o mundo, rezam a Deus Nosso Senhor, tomando por intercessor Mons. Josemaría Escrivá. Aqui reproduzimos somente, por exigência de espaço, trechos de algumas delas, que relatam acontecimentos importantes ou episódios singelos.

Também agradecemos — ante a impossibilidade de fazê-lo nominalmente — as esmolas que nos enviam para colaborar nas despesas de edição e distribuição desta **Folha informativa**, e para ajudar a desenvolver as obras apostólicas promovidas sob o impulso do amor às almas de Mons. Josemaría Escrivá.

Esta **Folha informativa** é distribuída gratuitamente. Os que desejarem contribuir com suas esmolas para as despesas de edição e de envio desta publicação podem remeter esses donativos, por vale postal ou por cheque nominal, à **Vice-Postulação do Opus Dei no Brasil**, Rua João Cachoeira, 1496, CEP 04535, São Paulo, SP.

Agradecemos aos nossos leitores que nos enviem nomes e endereços de pessoas que possam estar interessadas em receber esta **Folha informativa** ou estampas com a oração para a devoção privada.